ARQUITETURA E DESIGN

ARQUITECTAS: ENSAIO PARA UM MANUAL REVOLUCIONÁRIO

PATRÍCIA SANTOS PEDROSA

Maria José Marques da Silva na defesa de trabalho de fim de curso [s.d.]. ©Fundação Marques da Silva

Artéria. Ana Jara e Lucinda Correia. ©Rui Pinheiro

Inês Lobo. Vencedora do *arcVision Prize — Women and Architecture 2014*. ©arcVision.org

Outros artigos:

2022-07-11
TERRA, TRIENAL DE ARQUITETURA DE LISBOA 2022. ENTREVISTA A CRISTINA VERÍSSIMO E DIOGO BURNAY

I

A diversidade de aproximações possíveis ao binómio mulheres/arquitectura torna as decisões sobre a reflexão do mesmo mais entusiasmante e, de igual modo, carregadas de uma maior responsabilidade. Depois de esboçarmos outras abordagens — históricas principalmente —, parece-nos o momento para um acercamento que lance pistas para acções futuras. À construção de uma ideia sobre o tema, que os dados e a reflexão — mesmo se deficitários — alimentam, é necessário somar acções. Só se compreende a relevância do que se trabalhou, no sentido de perceber e conhecer, se for para agir.

Como afirma Pierre Bourdieu (2002, pp.22-23), a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que ratifica a dominação masculina sobre a qual se funda e da qual resulta, entre outras coisas, a divisão sexual do trabalho. Também refere que a diferença biológica dos corpos, feminino e masculino, aparece como justificação socialmente construída entre os géneros e em particular na divisão sexual do trabalho. Uma das premissas base com que trabalhamos é a existência, como defende este autor, de uma visão androcêntrica que se impõe como neutra e que pratica uma violência simbólica invisível para as suas vítimas, as mulheres.

Não serão aprofundados conceitos que, ainda que essenciais, nos ocupariam mais do que o aceitável no quadro desta reflexão mas que são incontornáveis em trabalhos futuros. A título de exemplo, a categoria "mulher" e respectivas contribuições — entre outras as de Judith Butler (1990) — necessitam ser parte de um cruzamento efectivo e crítico com o que aqui se esboça.

O objectivo principal deste ensaio é fazer um percurso, partindo dos escassos conhecimentos históricos e da actualidade das arquitectas portuguesas, cuja invisibilidade é claramente demonstrativa da falta de poder das mesmas, e perceber os possíveis modos de agir sobre a sua condição no sentido de se concretizar a óbvia revolução necessária.

II

A situação actual das arquitectas em Portugal, assim como a sua história, são quadros para os quais existem algumas informações mas existe principalmente uma séria necessidade de investigar, fixar dados e esclarecer sobre os diferentes tempos — passado e presente — para se perceber com maior solidez o que fazer com esta realidade percebida. [1] A informação existente pode sustentar algumas ideias sobre as arquitectas em Portugal. Relativamente à história esta é iniciada na já tardia década de 1940, com Maria José Estanco, formada em Lisboa em 1942, e Maria José Marques da Silva, formada no Porto no ano seguinte (Pedrosa, 2014, pp.107-110). O que se pode designar de paradigma fundacional, definido pela entrada formal destas duas mulheres no mundo da arquitectura, fixa o momento histórico em si mesmo mas confere igualmente uma base repetível para a condição futura das arquitectas.

Ou seja, por um lado, Maria José Estanco, apesar de ter visto o seu percurso académico reconhecido, não conseguiu encontrar um atelier

dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES
fundação carmona e costa
Transboavista VPF
Art Edifício
Links
MoMA The Museum of of Modern Art
Guggenheim.ORG
Ernesto de Sousa ernestodesousa.com
Artangel
voarte
PALAIS DE TOKYO SITE DE CRÉATION CONTEMPORAINE

2022-05-31
OH, AS CASAS, AS CASAS, AS CASAS...

2022-04-23
A VIAGEM ARQUITETÓNICA COMO ENCONTRO: DA (RE)DESCOBERTA À (DES)COBERTA DAS ORIGENS

2022-03-29
PODERÁ O PATRIMÓNIO SER EMANCIPATÓRIO?

2022-02-22
EM VÃO: FECHA-SE UMA PORTA PARA QUE UMA JANELA FENOMENOLÓGICA SE ABRA

2022-01-27
SOBRE A 'ESTÉTICA DO CONHECIMENTO': UMA LEITURA DA PEDAGOGIA DE BAUKUNST

2021-12-29
CALL FOR ARCHITECTS

2021-11-27
DE QUE ME SERVE SER ARQUITECTA?

2021-10-26
'OS CAMINHOS DA ÁGUA'

2021-09-30
A ARQUITETURA PORTUGUESA: O TRAJETO DO SÉCULO XX E DESAFIOS DO SÉCULO XXI

2021-08-22
CERAMISTAS E ILUSTRADORES: UMA RESIDÊNCIA EM VIANA DO ALENTEJO

2021-07-27
COMPREENSÃO DA CIDADE DO PORTO ATÉ AO SÉCULO XX

2021-06-20
O ANTECEDENTE CULTURAL DO PORTO NA TRANSIÇÃO PARA O SÉCULO XXI

2021-05-12
JOÃO NISA E AS 'PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UMA PAISAGEM'

2021-02-16
A ORDEM INVISÍVEL DA ARQUITECTURA

2021-01-10
SURENDER, SURENDER

2020-11-30
AS MULHERES NO PRIVATE PRESS MOVEMENT: ESCRITAS, LETRAS DE METAL E CHEIRO DE TINTA

2020-10-30
DES/CONSTRUÇÃO - OS ESPACIALISTAS EM PRO(EX)CESSO

2020-09-19
'A REALIDADE NÃO É UM DESENCANTO'

2020-08-07
FORA DA CIDADE. ARTE E LUGAR

2020-07-06
METROPOLIS, WORLD CITY & E.P.C.O.T. - AS VISÕES PARA A CIDADE PERFEITA IMAGINADAS POR GILLETTE, ANDERSEN E DISNEY

2020-06-08
DESCONFI(N)AR, O FUTURO DA ARQUITECTURA E DAS CIDADES

2020-04-13
UM PRESENTE AO FUTURO: MACAU – DIÁLOGOS SOBRE ARQUITETURA E SOCIEDADE

2020-03-01
R2/FABRICO SUSPENSO: ITINERÁRIOS DE TRABALHO

que a recebesse e, deste modo, viu-lhe negado o direito à vida profissional como arquitecta. Por outro lado, Maria José Marques da Silva, filha do arquitecto Marques da Silva, teve atelier com o David Moreira da Silva, seu marido, mas, por diversas vezes, se verifica uma truncagem autoral da mesma. (Pedrosa, 2014, pp.107-109)

Assim, o que encontramos como as condições profissionais destas duas arquitectas pioneiras são dois modos de silenciamento distintos que se repetirão década sobre década. Uma, mais radical, é a negação pura e simples à própria profissão, implicando o abandono da mesma. Outra é a efectiva existência e acção no interior da profissão, com responsabilidades autorais, que não a defende, no entanto, do silenciamento que decorre do reconhecimento do trabalho efectuado, obliterando metade da parceria.

Avançando 70 anos até à actualidade muitas coisas mudaram mas demasiadas outras permanecem. A feminização crescente da esfera profissional da arquitectura é evidente. Ainda que o fosso formação/profissão ainda esteja por avaliar [2] os números das arquitectas membros da Ordem dos Arquitectos (OA) são significativos. Em 2012 as arquitectas inscritas na OA eram 40,1% do total de membros, em resultado de uma paulatina subida desde 2000, com 32,1%, e representando um salto significativo desde o início dos anos 1970, com 4,7%. (Pedrosa, Março de 2013, p.22)

Neste início do séc.XXI, os novos processos de trabalho no interior da profissão a que se assiste, com os colectivos mais ou menos alargados, são um desafio à tradicional mono-autoria e à sua variante mais recente, da bi-autoria. Absorvem parte da necessidade de actualização do paradigma fundacional referido. Para lá das invisibilidades impostas ainda às arquitectas verifica-se, com o surgimento da autoria colectiva, sob designações que, muitas vezes, nem deixam adivinhar a constituição das equipas, [3] uma contribuição para uma aparente destruição de um certo autor arquitectocentrismo, supostamente a favor de outros valores e dinâmicas na prática da arquitectura.

Mais do que retirar conclusões, com a escassez de dados disponível, interessa-nos sublinhar a pluralidade crescente dos modelos a que assistimos mas, de modo algum, deixar de ter presente que lado a lado com estes supostos novos formatos de trabalho, as velhas práticas continuam presentes.

III

Percebendo, entre empirismo e dados, que a feminização já referida não implica necessariamente uma mudança radical no modo de estar na arquitectura, interessa-nos esboçar um primeiro mapa de como reagir, de como actuar contra o que não faz sentido. Apontam-se três registos diferentes de acções necessárias, possíveis e em falta mas não se esgotam as acções seguramente no que referimos ou nas formas que referimos. Por um lado, a urgência de as instituições considerarem a importância de se conhecer aprofundadamente a questão das arquitectas portuguesas (história, números, etc.). Por outro, a necessidade de profissional, académica e socialmente as arquitectas portuguesas se organizarem e se constituírem em redes de trabalho. Finalmente, a concretização da presença crescente nas instituições estabelecidas.

Considerando a já referida falta de dados e reflexões sobre a situação das arquitectas em Portugal reclamar o estudo sistemático, sério e alargado das mesmas é essencial para se perceber melhor o que tem acontecido, o que se passa na actualidade e o que se intui que pode acontecer, assim como desenhar estratégias de reacção. O conhecimento contraria a invisibilidade e, de modo efectivo, a invisibilidade alimenta a inexistência. [4] A percepção genérica que os poucos dados corroboram é a de que as arquitectas em Portugal ainda estão longe de encontrar uma situação igualitária face aos seus colegas. Ainda é uma menoridade de direitos, de estatuto, de possibilidades e de poder que lhes enquadra o quotidiano. É vital que as instituições responsáveis — da OA ao Governo, passando pelas universidades e pelo Ministério da Educação e Ciência — destinarem meios humanos e materiais para que este vazio de conhecimento seja rapidamente suprimido.

Criado em 2013, o *arcVision Prize — Women and Architecture* é um prémio internacional que se assume como descriminação positiva, a favor da prática das arquitectas mundiais. Na sua primeira edição o prémio foi concedido à arquitecta brasileira Carla Juaçaba e na edição seguinte, no corrente ano, a arquitecta portuguesa Inês Lobo foi a ganhadora (arcVision, 2014). O sentido claro deste prémio coloca-o nas acções que são efectuadas na esfera da especificidade, as arquitectas, e que visam um óbvio empoderamento das mesmas. A visibilidade que o prémio procura, através da alargada divulgação, [5] amplia a visibilidade das próprias ganhadoras e, por consequência, das

TATE
MACBA Museu d'Art Contemporani de Barcelona
Centre Pompidou
MNCARS

2019-12-05
PRÁTICAS PÓS-NOSTÁLGICAS / POST-NOSTALGIC KNOWINGS

2019-08-02
TEMPOS MODERNOS, CERÂMICA INDUSTRIAL PORTUGUESA ENTRE GUERRAS

2019-05-22
ATELIER FALA - ARQUITECTURA NA CASA DA CERCA

2019-01-21
VICARA: A ESTÉTICA DA NATUREZA

2018-11-06
PARTE II - FOZ VELHA E FOZ NOVA: PATRIMÓNIO CLASSIFICADO (OU NEM POR ISSO)

2018-09-28
PARTE I - PORTO ELEITO TRÊS VEZES O MELHOR DESTINO EUROPEU: PATRIMÓNIO AMEAÇADO PARA UNS, RENOVADO PARA OUTROS. PARA INGLÊS (NÃO) VER

2018-08-07
PAULO PARRA – "UMA TRAJECTÓRIA DE VIDA" NA GALERIA ROCA LISBON

2018-07-12
DEPOIS, A HISTÓRIA: GO HASEGAWA, KERSTEN GEERS, DAVID VAN SEVEREN

2018-05-29
NU LIMITE

2018-04-18
POLAROID

2018-03-18
VICO MAGISTRETTI NO DIA DO DESIGN ITALIANO

2018-02-10
GALERIA DE ARQUITETURA

2017-12-18
RHYTHM OF DISTANCES: PROPOSITIONS FOR THE REPETITION

2017-11-15
SHAPINGSHAPE NA BIENAL DA MAIA

2017-10-14
O TEATRO CARLOS ALBERTO DIALOGA COM A CIDADE: PELA MÃO DE NUNO LACERDA LOPES

2017-09-10
"VINTE E TRÊS". AUSÊNCIAS E APARIÇÕES NUMA MOSTRA DE JOALHARIA IBEROAMERICANA PELA PIN ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE JOALHARIA CONTEMPORÂNEA

2017-08-01
23 – JOALHARIA CONTEMPORÂNEA NA IBERO-AMÉRICA

2017-06-30
PASSAGENS DE SERRALVES PELO TERMINAL DE CRUZEIROS DO PORTO DE LEIXÕES

2017-05-30
EVERYTHING IN THE GARDEN IS ROSY: AS PERIFERIAS EM IMAGENS

2017-04-18
"ÁRVORE" (2002), UMA OBRA COM A AUTORIA EM SUSPENSO

2017-03-17
ÁLVARO SIZA : VISÕES DA ALHAMBRA

2017-02-14
"NÃO TOCAR": O NOVO MUSEU DO DESIGN EM LONDRES

arquitectas em geral. No início de 2013, Martha Thorne, membro do júri *arcVision* e directora executiva do *Prémio Pritzker*, afirma sobre o primeiro ter os objectivos de "reconoce[r] y apoya[r] la capacidade, creatividad y la grande contribuición de las arquitectas". Pela parte dos patrocinadores do prémio é referida inclusivamente a questão do empoderamento feminino social e corporativo, em que o grupo económico em causa estaria, segundo é dito, muito interessado (Interempresas, 2013).

Este exemplo, que pela sua afirmação inequívoca é relevante, pode ser um dos muitos necessários ver acontecer. A construção de redes diversificadas, por um lado, e a visibilidade do que fazem, pensam e propõem as arquitectas, por outro, são parte essencial de um processo de intra empoderamento com capacidade de se constituir como um caminho de exteriorização do mesmo. É imprescindível a organização de redes que alimentem o conhecimento, o reconhecimento, a divulgação e a visibilidade das práticas das arquitectas.

Susan Sontag refere a importância da participação das mulheres nas estruturas tradicionais. Na questão por ela enunciada da obtenção de poder igual, considera essencialmente a participação nas estruturas existentes. Sobre os encontros e actividades dedicadas à produção das mulheres, o que chama de construção de uma cultura separada, defende não serem acções que visem a obtenção do poder, por oposição ao que defende e que será essencial para ganhar a revolução não ganha ainda. Apesar do que afirma, refere igualmente que nunca recusou apresentar os seus filmes em festivais dedicados só a mulheres autoras. (Cott & Sontag, 2013, p.72)

Nesta esfera da presença das mulheres nas instituições, no que à arquitectura diz respeito, é de apontar, no caso português a existência de alguns casos interessantes. Apesar de nada indicar uma situação mais conseguida face a outras realidades europeias, não deixa de ser importante referir as duas presidentes que já estiveram à frente da Ordem dos Arquitectos (Pedrosa, 2013, p.244), ou as diversas directoras que alguns departamentos de arquitectura tiveram ou têm na actualidade. [6]

Numa resposta à questão de como agir surgem várias possibilidades, nem sempre consideradas de utilização simultânea. Decidirmo-nos pela construção de redes que reforcem o que se encontra em comum, discutindo-o, e permitir desse modo o empoderamento em meio controlado? Ou então perseguir a participação persistente nas estruturas institucionais vigentes, procurando nelas a tomada de poder? Parece-nos óbvio que a resposta não está em escolher um caminho em detrimento de outro. Antes usar todos os disponíveis, intensificando o seu uso mas também, se possível, inventar e arriscar novos.

IV

Como já referimos, Sontag fala da revolução por ganhar. Já em finais do séc.XVIII, Pierre Choderlos de Laclos (2002 [1783], pp.36-37) afirma a necessidade de as mulheres fazerem uma "grande revolução", único modo de as mesmas conseguirem "escapa[r] à escravatura. Refere também que, por oposição à educação, a escravidão abafa as faculdades. Verifica-se que ainda que na educação formal a presença feminina suplante, neste momento, a presença masculina, no que chamamos a educação informal, de transmissão silenciosa e implícita, tal força não se reflecte.

Ao contrário do que é afirmado por Marx e Engels (1975 [1890], p.60), a época da burguesia não simplifica os antagonismos de classe. Se a luta das mulheres pelo igual lugar de visibilidade, de reflexão e de acção, ou seja, no poder é uma óbvia luta de classes, em nada a contemporaneidade é simplificada. É possível, inclusivamente, ser-se parte da classe oprimida, numa esfera social, e da classe que oprime numa outra. A hostilidade classista apresenta muitas dimensões e modos de acontecer. E se dúvidas existem sobre esta multitude de universos, demonstra a história que os revolucionários de ontem podem ser a classe dominante de hoje (Marx & Engels, 1975 [1890], pp.62-67), alimentando, com as suas acções asfixiantes quem fará a revolução de amanhã. Nas sociedades complexas o que antes se percebe acontecer numa linha do tempo, passa a colocar-se numa multiplicidade de acções e actores sincrónicos. Esta condição é parte do desafio e alimentará seguramente a reacção exigida.

Não parece relevante a ideia de que a arquitectura das mulheres será diferente — melhor ou não — do que a dos arquitectos homens. Cada indivíduo, enquanto arquitecto ou arquitecta terá a sua génese, corpo e cosmovisão particular. Antes se deve ter presente que o que se reclama é que a visibilidade, o poder e o acesso a todo e qualquer lugar profissional devem ser suportados unicamente pelo mérito do trabalho e das capacidades. Jamais por uma estrutura genética A ou B.

2017-01-17
MAXXI ROMA

2016-12-10
NOTAS SOBRE ESPAÇO E MOVIMENTO

2016-11-15
X BIAU EM SÃO PAULO: JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA À CONVERSA COM PAULO MENDES DA ROCHA E EDUARDO SOUTO DE MOURA

2016-10-11
CENAS PARA UM NOVO PATRIMÓNIO

2016-08-31
DREAM OUT LOUD E O DESIGN SOCIAL NO STEDELIJK MUSEUM

2016-06-24
MATÉRIA-PRIMA. UM OLHAR SOBRE O ARQUIVO DE ÁLVARO SIZA

2016-05-28
NA PEGADA DE LE CORBUSIER

2016-04-29
O EFEITO BREUER – PARTE 2

2016-03-24
O EFEITO BREUER - PARTE 1

2016-02-16
GEORGE BEYLERIAN CELEBRA O DESIGN ITALIANO COM LANÇAMENTO DE "DESIGN MEMORABILIA"

2016-01-08
RESOLUÇÕES DE ANO NOVO PARA A ARQUITETURA E DESIGN EM 2016

2015-11-30
BITTE LEBN. POR FAVOR, VIVE.

2015-10-30
A FORMA IDEAL

2015-09-14
DOS FANTASMAS DE SERRALVES AO CLIENTE COMO ARQUITECTO

2015-08-01
"EXTRA ORDINARY" - JOVENS DESIGNERS EXPLORAM MATERIAIS, PRODUTOS E PROCESSOS

2015-06-25
PODE A TIPOGRAFIA AJUDAR-NOS A CRIAR EMPATIA COM OS OUTROS?

2015-05-20
BIJOY JAIN, STUDIO MUMBAI

2015-04-14
O FIM DA ARQUITECTURA

2015-03-12
TESOURO, MISTÉRIO OU MITO? A ESCOLA DO PORTO EM TRÊS EXPOSIÇÕES (PARTE II/II)

2015-02-11
TESOURO, MISTÉRIO OU MITO? A ESCOLA DO PORTO EM TRÊS EXPOSIÇÕES (PARTE I/II)

2015-01-11
ESPECTADOR

2014-11-10
A MARCA QUE TEM O MEU NOME

2014-10-04
NEWS FROM VENICE

2014-09-08
A INCONSCIÊNCIA DE ZENO. MÁQUINAS DE SUBJECTIVIDADE NO SUPERSTUDIO*

Por oposição ao trabalho invisível, exigente e muitas vezes desesperante que a arquitectura implica, surge-nos, enquanto público, a imagem de glamour e poder do fazer da mesma. Poder, criatividade e charme são atirados para cima da mesa, aplicando-se a quem a pratica este mesmo imaginário. A mistificação do arquitecto, ser de génio e capaz de sintetizar o belo necessário, esconde uma profissão com enormes responsabilidades sociais. Esta condição praticada do ser-se arquitecto/a valoriza a arquitectura e a cidade enquanto produto de consumo contra a condição essencial em ambas: constituírem-se como espaço de felicidade de quem as vive.

Não existe possibilidade de conquistar mudanças radicais a não ser com a convicção que os direitos e os poderes se exigem. Não considerar que o direito a uma existência efectiva das arquitectas portuguesas enquanto tal é uma luta (de classes!) longe de estar encerrada, é tomar como certa a mentalidade ficcionada pela visão androcêntrica, onde a dominação masculina é ratificada pela ordem social e desse modo tornada invisível.

A arquitectura é suficientemente importante para não se poder satisfazer com as estruturas sociais redutoras e segregadoras em que existimos. Redutoras de parte dos actores — as arquitectas — mas também de quem se vê implicado pelas práticas decisórias tanto arquitectónicas como urbanas — as cidadãs. As mudanças radicais implicam acções radicais. A revolução é a exigência, a imposição agida e exigida da mudança.

Arquitectas (portuguesas e) de todos os países, uni-vos!

::::

Patrícia Santos Pedrosa
(Lisboa, 1971) Arquitecta (1997, FAUTL), Mestre em História da Arte (2008, FCSH-UNL) e Doutora em Projectos Arquitectónicos (2010, ETSAB-UPC). Professora auxiliar e coordenadora pedagógica do Departamento de Arquitectura da ULHT, Lisboa. Investigadora do Labart, ULHT. Colaboração anterior com os ateliers UTOPOS e CVDB Arquitectos. Áreas principais de investigação: arquitectura portuguesa (séc.XX), teoria e história do habitar, antropologia do espaço e arquitectura e género. Diversos artigos publicados e presença em congressos, conferências e seminários em Madrid, Lisboa, Barcelona, Veneza, Berlim, Istambul, Brighton, Pamplona, entre outros.

::::

NOTAS

[1] Se, por um lado, existem apontamentos de mudança, refira-se, a título de exemplo, a investigação que está a ser realizada, em contexto de tese de doutoramento por Paula Monteiro, na Universidade do Porto, e que esperamos vir a trazer novidades e a ser a primeira das muitas necessárias, por outro, no *2.º Congresso Internacional Arquitectura e Género: Matrizes* que se realizará em Lisboa em Março de 2015, consideradas as propostas apresentadas com contexto português — 4 em 75 — resulta, numa leitura seguramente simplista, numa falta de interesse por estes temas. Provável reflexo da própria invisibilidade desta discussão no âmbito académico português.

[2] Será importante saber a percentagem de arquitectas e arquitectos recém-formadas/os que não chegam a entrar na profissão e/ou a inscreverem-se na OA. É mais um dos estudos urgentes necessários para que se conheça efectivamente a profissão em Portugal.

[3] A título de exemplo: Arquitectos Anónimos, Artéria, Ateliermob, Blaanc, Embaixada ou Moov.

[4] Não é só a profissão liberal que exige a atenção de investigadores e da OA. Os corpos docentes universitários dos cursos de arquitectura, o poder local e central e o sector privado são outros universos específicos que interessa estudar e conhecer em geral e neste enfoque das arquitectas em particular.

[5] Cf. Rassegna Stampa Italia 2013 e Rassegna Stampa estera 2013 (arcVision, 2014).

[6] Por exemplo, o Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora que contou com Marta Sequeira como directora e que tem na actualidade Sofia Salema ou do Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE que tem Sara Eloy também como directora.

::::

REFERÊNCIAS

ARCVISION (2014). *arcVision Prize*. Obtido em 25 de Nov. de 2014, de arcVision: http://www.arcvision.org/?cat=311

2014-07-30
ENTREVISTA A JOSÉ ANTÓNIO PINTO

2014-06-17
ÍNDICES, LISTAGENS E DIAGRAMAS: *the world is all there is the case*

2014-05-15
FILME COMO ARQUITECTURA, ARQUITECTURA COMO AUTOBIOGRAFIA

2014-04-14
O MUNDO NA MÃO

2014-03-13
A CASA DA PORTA DO MAR

2014-02-13
O VERNACULAR CONTEMPORÂNEO

2014-01-07
PÓS-TRIENAL 2013 [RELAÇÕES INSTÁVEIS ENTRE EVENTOS, ARQUITECTURAS E CIDADES]

2013-11-12
UMA SUBTIL INTERFERÊNCIA: A MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO "FERNANDO TÁVORA: MODERNIDADE PERMANENTE" EM GUIMARÃES OU UMA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA NUMA ESCOLA EM PLENO FUNCIONAMENTO

2013-09-24
DESIGN E DELITO

2013-08-12
"NADA MUDAR PARA QUE TUDO SEJA DIFERENTE": CONVERSA COM *BEYOND ENTROPY*

2013-08-11
"CHANGING NOTHING SO THAT EVERYTHING IS DIFFERENT": CONVERSATION WITH *BEYOND ENTROPY*

2013-07-04
CORTA MATO. Design industrial do ponto de vista do utilizador

2013-05-20
VÍTOR FIGUEIREDO: A MISÉRIA DO SUPÉRFLUO

2013-04-02
O DESIGNER SOCIAL

2013-03-11
DRESS SEXY AT MY FUNERAL: PARA QUE SERVE A BIENAL DE ARQUITECTURA DE VENEZA?

2013-02-08
O CONSUMIDOR EMANCIPADO

2013-01-08
SOBRE-QUALIFICAÇÃO E REBUSCO

2012-10-29
"REGIONALISM REDIVIVUS": UM OUTRO OLHAR SOBRE UM TEMA PERSISTENTE

2012-10-08
LEVINA VALENTIM E JOAQUIM PAULO NOGUEIRA

2012-10-07
HOMENAGEM A ROBIN FIOR (1935-2012)

2012-09-08
A PROMESSA DA ARQUITECTURA. CONSIDERAÇÕES SOBRE A GERAÇÃO POR VIR

2012-07-01
ENTREVISTA | ANDRÉ TAVARES

2012-06-10
O DESIGN DA HISTÓRIA DO DESIGN

BOURDIEU, P. (2002). *La Domination Masculine*. Paris: Éditions du Seuil.

BUTLER, J. (1990). *Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge.

COTT, J., & SONTAG, S. (2013). *The Complete Rolling Stone Interview*. New Haven; London: Yale.

INTEREMPRESAS (19 de Fev. de 2013). *Italcementi Group presenta el Premio arcVision Mujeres y Arquitectura*. Obtido em 26 de Nov. de 2014, de Interempresas: http://www.interempresas.net/Construccion/Articulos/106034-Italcementi-Group-presenta-el-Premio-arcVision-Mujeres-y-Arquitectura.html

LACLOS, P. C. (2002 [1783]). *Da Educação das Mulheres*. Lisboa: Antígona.

MARX, K., & ENGELS, F. (1975 [1890]). *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Editorial «Avante!».

PEDROSA, P. (2013). Architectes (Portugal). In B. Didier, F. Antoinette, & M. Calle-Gruber, *Le Dictionnaire Universel des Créatrices* (Vol.1, pp.244-245). Paris: des femmes.

PEDROSA, P. S. (Março de 2013). Arquitectura: profissão e emprego. *Boletim Arquitectos, 230*, 21-22.

PEDROSA, P. S. (2014). Women Architects in Portugal. A long and widing road. In N. Álvarez Lombardero, *Women Architects. Redefining the Practice 1st International Symposium on Architecture and Gender* (pp.99-112). Sevilha: ETSAS-Universidad de Sevilla.

::::

[a autora escreve de acordo com a antiga ortografia]